

ENCONTRO “MULHERES NAS ARTES”

Segunda, 16 outubro 2017, 9:15

Fundação Calouste Gulbenkian - Auditório 2

Senhora Secretária de Estado da Igualdade

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Caro Colega Dr. Guilherme d’Oliveira Martins

Senhoras Comissárias, Inês Pedrosa e Patrícia Reis,

Ilustres oradores convidados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É com muito prazer que dou início a estes dois dias de debates sobre o papel da Mulher nas Artes.

Como Mulher e presidente de uma das principais instituições privadas Portuguesas, confesso que dificilmente poderia deixar de me associar a este encontro.

Quero dirigir uma palavra de apreço ao meu Colega e à equipa responsável pela organização deste Encontro - Ruy Nery e Maria Helena Melim Borges, e felicitar as Comissárias desta conferência, Inês Pedrosa e Patrícia Reis, que em boa hora nos apresentaram o projeto. E cumprimento o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e a Senhora Secretária de Estado da Igualdade pela honra e gosto que nos concedem com a sua presença.

Ao longo destes dois dias vamos ter a oportunidade de ouvir muitos testemunhos de muitas mulheres sobre, imagino eu, o exigente percurso que a circunstância do género impõe. Apenas posso imaginar, pois tendo eu própria uma experiência ao

lado do universo artístico, não posso deixar de intuir que partilhamos os mesmos problemas e dificuldades.

Cumprimento muito especialmente a nossa convidada estrangeira, Joumana Haddad, meia-arménia, cujo livro “Eu matei Xerazade”, que hoje irá ser lançado, constitui um forte e veemente discurso de defesa de uma maior afirmação feminina, de um posicionamento da mulher mais firme em termos de **autonomia** e de **independência**.

Estou certa que o contexto social e cultural da autora não diminui a justeza da sua mensagem e que a maior parte das mulheres, independentemente da sua localização geográfica, não deixarão de sentir a necessidade e a urgência de eliminar os constrangimentos que impedem o exercício do mais fundamental dos direitos, o **direito da igualdade**.

Estamos em pleno século XXI e, na maior parte do mundo, as mulheres parecem já ter conquistado o seu devido lugar nas várias áreas de intervenção tanto pública como privada. No entanto, como acontece em todas as questões que têm a ver com os direitos essenciais do ser humano, nunca é demais enfatizar um percurso com pouco mais de duzentos anos que nos trouxe, a nós mulheres, até ao reconhecimento da **importância da nossa intervenção** e à consciência do **nosso espaço privilegiado**, em termos pessoais e coletivos.

Não foi certamente por acaso que as comissárias deste Encontro, Patrícia Reis e Inês Pedrosa, escolheram o subtítulo - Percursos de Desobediência, diretamente relacionado com essa **vontade essencial de agitar e revitalizar o status quo**, (essa "**desobediência**" que, por vezes, é necessária e imperativa para que se efetue uma mudança para melhor), algo que as mulheres, ao longo dos séculos e

dos milénios, sempre souberam fazer, na sombra ou em plena luz, com maior ou menor astúcia, com maior ou menor coragem, com maior ou menor fulgor.

No seu papel ancestral de **provedoras**, de **cuidadoras**, de **protetoras**, as mulheres sempre desempenharam papéis de extrema relevância, embora muitas dessas intervenções tenham sido obliteradas porque, até há bem pouco tempo, como sabem, foram os "**homens que escreveram a História**".

Mas hoje estamos a celebrar as mulheres nas artes e pretendo saudar a inclusão e a cooperação entre géneros, e não qualquer tipo de exclusão. Por isso, vejo com agrado a chamada de atenção para estas jornadas de debate, de colaboração e de cruzamento de disciplinas e culturas.

A intervenção das mulheres nas Artes **acrescenta** algo de **vibrante**, **vigoroso** e, esperemos que **perene**, a uma narrativa de grandes sucessos em tantas áreas vitais da sociedade. Mas tenho para mim que foi e será nas Artes que as mulheres se destacam particularmente, uma vez que estas estão intimamente ligadas ao processo educacional e criativo. E se é verdade que há quem afirme que as mulheres têm "demasiada imaginação", posso afirmar com convicção que "ainda bem!"

No programa deste Encontro é fácil constatar que, do cinema à música, da literatura às artes plásticas, os já referidos percursos de desobediência - **os artistas têm ou devem ser desobedientes por natureza** - estão extremamente bem representados. Ao expressarem a sua imensa criatividade, ao partilharem generosamente a força do seu processo artístico, as mulheres contribuem, mais uma vez, para moldar um mundo **mais belo, mais interessante, mais igualitário e muito mais luminoso**.

Temos de ser intransigentes na defesa da existência de direitos humanos inalienáveis. A **tolerância** e a **igualdade** são conceitos que estão na génese da Fundação Calouste Gulbenkian. Com efeito, o nosso Fundador deixou-nos o sinal da multiculturalidade, o binómio Oriente/Ocidente que era a sua própria natureza e que é hoje quase um imperativo das nossas atividades: a convivência de diferentes culturas, a convivência de diferentes identidades, mas também de **afirmação inabalável do princípio da igualdade entre os géneros**.

Termino, por isso, com a esperança que esta conferência possa contribuir para cultivar o valor fundamental da igualdade, constituindo um importante passo para o reforço de uma cultura democrática, plural e inclusiva.

Convido todos a visitar a oportuna exposição de Ana Hatherly que inaugurámos na semana passada – “Ana Hatherly e o Barroco, Um jardim feito de tinta” -, com curadoria de Paulo Pires do Vale, na qual podemos apreciar o trabalho artístico de muitas mulheres em diferentes séculos. Podemos, por exemplo, demorar-nos no quadro de Josefa D’Óbidos que representa o êxtase de Santa Teresa D’Ávila ao lado do poema “feminista” de Hatherly que imagina um encontro das duas mulheres e artistas: ”Ah Josefa/Devas estar aqui comigo//(...) Se estivesses aqui comigo/Sentavas-te ao meu lado/Tu pintavas/Eu desenhava/E depois ríamos as duas/Alegres/Como só as mulheres sabem estar/ (...). Ana Hatherly, estava bem consciente das diferenças do ser feminino e da necessidade de proteger essas diferenças.

Não se espantem se eu terminar citando uma famosa feminista, neste caso a americana Gloria Steinem, que escreveu: “Sem saltos de imaginação, sem criatividade, perdemos toda a excitação das possibilidades.” E eu concordo!

Em nome da Fundação Gulbenkian, desejo-vos esse salto qualitativo que nos ajuda a viver melhor, com mais cultura, arte e perspetivas de futuro.

Muito obrigada a todos!

Isabel Mota